

Tinha da metafísica a mesma má opinião que lhe suscitavam os corredores dos detergentes no supermercado: um odor acre que queimava as narinas. A mesma que lhe provocava a cozinha depois de empilhados os restos das refeições, pratos, tachos, talheres, manchas de gordura. A mesma, aliás, que lhe merecia a sua própria vida: repleta de realidade mas suspensa de sentido (ou o inverso, não era o mesmo mas seria admissível: aceitava o sentido, recusava a realidade, o primeiro não mostrava nada que não tivesse visto vinte vezes antes, a segunda não suspendia a dor de se ver ao espelho), improvisada como um quarto emprestado.

Desconfiava igualmente dos que lhe vendiam (parecia oferecido mas pagava-o caro) a ideia das coisas como elas eram. As coisas, afirmavam, poderiam parecer ausentes mas continuavam lá, por baixo da saia, por baixo da cama, no pó acumulado sobre os livros das estantes, bastaria procurar com persistência, descartar o que pudesse ser descartado e conservar o resto: chamariam a isso realidade. Tinha a forma e a cor das coisas comuns, as das instituições, as da moral, as da tradição que se transformava em identidade. Não comprava a tese, duvidava que houvesse mais realidade numa coisa do que nas outras, mais na alma do que na carne, mais nas coisas do que nas palavras, mais no interior do que no exterior. Não tinha nada por baixo da roupa que não pudesse ser visto com ela vestida, nada por baixo da carne que não coubesse no seu tamanho. A realidade como ela era não passava

da desculpa fácil de quem não queria mais do que o que já perdeu, de quem se encosta àquilo que conhece para evitar a vertigem do que o ameaça. Falhavam-lhes os sentidos e pretendiam substituí-los por um simulacro (e isso talvez explicasse porque é que diziam que as mulheres precisavam de um sexto sentido: os outros cinco nem sempre funcionavam bem. Quanto aos homens não se pronunciava mas supunha que não fossem muito diferentes, a carência era congénita e transversal, não distinguia género, idade, cor ou credo) de inteligência.

Os corredores do supermercado pareciam-lhe um palco. Tudo se via, tudo se vendia, não apenas mercadorias. Quando transportava as compras para casa sentia-se sempre como se estivesse a roubar algo, como se à vista de todos trouxesse produtos que não tinha pagado, misturados nos outros, deixados no fundo do carrinho, escondidos no sutiã ou nos bolsos do casaco. Ou, pior do que isso (e esta era uma possibilidade que por escassez de meios preferia não explorar), como se houvesse um desajuste inultrapassável entre o valor dos produtos e aquilo que pagava por eles. Ignorava se o que pagava saberia recompensar o esforço que fora necessário para os conceber e produzir, se o preço cobria o custo. Não duvidava de que entre a concepção e a produção, entre a produção e a distribuição se situavam falhas por onde a injustiça se infiltrava, falhas que nenhuma economia de escala poderia colmatar. A injustiça era, estava disso cada vez mais convencida, a gordura que oleava o capitalismo, o dos produtos, o das ideias ou o dos afectos. Acreditava no mérito, apesar de tudo, queria acreditar, mas já não duvidava que este não passava de um sucedâneo ressequido do lubrificante base, a injustiça. Lúbrico, na verdade. Por vezes interrogava-se o que poderia isso significar.

Evitava olhar para as etiquetas enquanto arrumava as compras na prateleira da cozinha. Recusava-se a ver, recusava-se a perguntar. Rejeitando a pergunta, repudiava a resposta, o local de produção, a composição, o sangue ou o tempo que oleavam os sistemas de acumulação de capital, o mecanismo em permanente gestação que esmagava o tempo e a vida de quantos engolia, e a deixava

exausta diante do saco vazio. Amarrotava-o, juntava-o aos outros. Serviriam para recolher o lixo. Este acumulava-se, e no entanto havia sempre mais sacos do que aqueles que conseguia utilizar. O lixo, acabara por concluir, não era um subproduto da sociedade de consumo. Era a matéria-prima da destruição.

Lembrava-se de como nos primeiros meses depois de chegar a Edimburgo era com dificuldade que resistia a espreitar o caixote do lixo do prédio, a rasgar os sacos dos vizinhos e a mergulhar na intimidade dos habitantes, na expectativa perversa de criança pobre que espreita pela janela um prazer que lhe é negado. Era estrangeira, impostora na língua e nos hábitos. Se se esforçasse conseguiria macaquear a pronúncia, um inglês de televisão sem acento escocês, que deixava na dúvida quem a ouvia. Mas não se enganava a si mesma. Sabia quem não era.

A cada coisa, ouvira dizer, o lugar que lhe compete. Um princípio base da organização social, uma quase constante cosmológica. Os gregos tinham-no intuído, embora não tivessem ido tão longe quanto era necessário. Deveria compreender, insistiam, que as coisas são como são, apontavam em volta, as mesas, as cadeiras, o tecto, as nuvens no céu, cada coisa no seu lugar, cada uma distinta das outras mas disponível para apropriação. Ela mantinha as dúvidas, não cederia nem ao anestesiamto nem à simulação: a realidade nunca era como ela era e as coisas (o que quer que fossem, a maior parte das vezes não chegavam a merecer um nome) mal coincidiam consigo próprias, a carne com a carne, a pedra com a pedra, desfocadas por uma miopia ou outra forma de desvio que afectava não os olhos mas as coisas elas mesmas, desligadas de onde poderiam ter estado ou vir a estar, desviadas do hábito, do nome, da história que talvez pudesse indicar de onde provinham mas nunca, nunca para onde se dirigiam. Ela própria se sabia desviada, num esforço consciente mas sempre frustrado de não coincidir com o que esperavam que fosse, de ser outra coisa, só, sem que esta outra coisa tivesse de a transformar naquilo que não era: não haveria sequer o que não ser. Em redor, confrontados com a fragilidade dos factos e a improbabilidade das explicações,

a maior parte preferia permanecer calado. Ela não questionaria a opção, entre respirar, mastigar e vomitar já havia muito com que a boca se ocupasse. Por si, pediria apenas (e apenas não significava falta de ambição mas consciência dos seus limites) que lhe fosse permitido não querer saber, permitido afastar os olhos, tapar os ouvidos, atirar-lhes à cara que aquele não era o seu mundo, aquela não era a sua língua, aqueles não seriam os seus problemas. Não estava a fugir de nada, estava a reivindicar o direito de fechar a porta, de cerrar a janela, de desligar todos os ecrãs que pudesse desligar, de apagar as luzes, de cobrir os espelhos com os panos negros que assinalam o luto. Não o desdenharia, de luto pela inocência que nunca havia perdido, de luto, noutra versão, pelas ilusões desfeitas, de luto de facto pelo solo firme por baixo dos pés. Há muito que o sentia ceder. E as palavras, também o compreendera, eram uma outra figura das areias movediças.

Precisaria apenas (e apenas, insistia, não indicava humildade mas a arrogância de quem faz do desdém uma segunda pele, de quem prefere a fome à humilhação, de quem prefere roubar a pedir) de um pouco de terra que fosse terra, de um pouco de carne que fosse carne, algo capaz de garantir um ajuste mínimo entre o movimento e a imobilidade, entre o pé que pisa e o pavimento que o suporta, entre o corpo que passa e o chão que fica, e a este, ao chão (tempo, lugar, momento), não exigiria mais do que a disponibilidade de fêmea relutante que aceita ser cama sem saber do desejo. Reclamaria que ouvissem somente o que dizia, as palavras, palavra a palavra pelo seu valor literal, cada uma não significava mais do que o que significava (a possibilidade de que significassem coisas diferentes para diferentes pessoas e em diferentes momentos não comprometia esta pretensão), não havia um sentido oculto por detrás delas, não havia entrelinhas naquilo que escrevia, não havia intenção que não coincidissem com o gesto, não havia grito que não nascesse da boca que gritava. Começava quando abria a boca, terminaria quando se calasse, poderia haver outro mas não o substituiria nem o esclareceria. Não existiria no segundo nada que não pudesse ter sido ouvido no primeiro, não haveria neste nada que o seguinte pudesse aprofundar, e em

nenhum nada que redimisse a dor, uma patologia do corpo. Por detrás da pele, suspeitava, haveria mais pele, e por detrás um vazio onde se afundavam a superfície e a profundidade, a carne e a alma, a aparência e a realidade.

(E veio uma daquelas épocas em que não tinha nada a que pudesse chamar casa, nem quarto nem cama nem lençóis, nada que fosse seu, nada que pela noite permitisse antecipar o dia seguinte, entre comboios, transbordos, voos desviados e escalas no meio do deserto. Lá fora era noite e seria noite, frio, fome, os horários trocados à procura do quarto que a amiga de uma amiga lhe prometera. Em volta falavam línguas que não dominava, obedeciam a códigos que só a custo começava a compreender e quando enfim algo ou alguém principiava a fazer sentido — a compreender por exemplo o que era ser mulher num mundo de homens, o que seria ser mulher por entre as mulheres, o que esperavam dela, o que poderia ela esperar dos outros — mudava de lugar e era obrigada a recomeçar do início. Procurar um quarto para alugar, fazer durar o dinheiro até ao final da semana — até ao final do mês, até ao próximo emprego —, arrancar do rosto os restos do orgulho antes de conseguir sair à rua.)

Trinta e três anos, idade de já não ser jovem como os jovens cuja imagem se vende como promessa da sua própria eternidade, idade de ainda não ser velha o necessário para suscitar a compaixão desinteressada de quem avalia as rugas, a flacidez da pele e decadência no fundo do útero, idade enfim de não ser nada a não ser o que fizesse de si mesma. Não devia nada a ninguém, ninguém lhe devia nada, não iria fazer-se de incompreendida, os outros saberiam dela exactamente o mesmo que ela própria sabia deles: muito pouco, entre a desatenção, a má vontade e a simples ignorância (ou não tão simples, tratava-se na verdade da ausência dos instrumentos necessários, linguagem, valores, experiências que permitiriam a uns e a outros fazerem sua a perspectiva que eles poderiam ter de si e dos outros, embora isso talvez já não fosse compreender: só lhes seria possível colocarem-se no

lugar dos outros se prescindissem dos seus próprios mas tal só permitiria substituir uma ignorância por outra), que faziam com que uma parte do que dizia não fosse escutada, outra fosse deturpada, sobrando um espaço mínimo de compreensão. O pouco de discernimento que se concentrava neste espaço era suficiente para lhe permitir saber o que os outros eram, nome, idade, estado, para permitir antecipar-lhes o comportamento (identificar riscos, possibilidades), para permitir, por fim, imaginar o que seria ela própria segundo os olhos deles. Do outro lado, parecia-lhe verossímil, seria igual, começava-se pela carne e pelo que a escondia, imaginava-se o resto: não havia outra forma de existência, mesmo o nome era sempre acessório.

A roupa, há muito que o aceitara, era o modo mais firme de ancorar a carne a si mesma, de lhe dar uma forma, de lhe dar um sentido que se aproximasse daquele que talvez tivesse merecido. Braços, peito, pernas, ocultos sob a dissimulação das vestes compradas. Mas seria mesmo dissimulação? Perguntava-se quanto dela pertencia a isso a que chamava gosto, à roupa que escolhia, num reunir caótico de peças por vezes separadas por mais de dez anos mas que se acumulavam no armário, que se combinavam de forma causal, e que por muito repetidas que cada uma fosse (milhares, dezenas de milhares de peças iguais?, manufaturadas em países de trabalho barato e transportadas através do Pacífico, do Índico, do Mediterrâneo, do Atlântico na cobertura de porta-contentores de bandeira de conveniência) não lhe parecia provável que mais alguém combinasse a saia de há seis anos com a blusa de Verão do ano passado, o casaco de há mais de dez com as calças de há dois Invernos, a camisola de gola alta que recebera da mãe já não sabia quando com o blusão que comprara na *George Street*. Estas possibilidades de combinação produziam uma sugestão de personalidade, ela era ela, com aquelas roupas, mesmo que frequentemente se deparasse ao espelho com uma imagem que embora reconhecível tinha dificuldade em aceitar como sua: que ela fosse aquilo aprofundava os sintomas da perturbação. A roupa, uma espécie de prótese (haveria outras, teria de as equacionar, a história?, a linguagem?, o desejo?, a moral?),